

VISÃO DE DOCENTES DO CURSO DE FISIOTERAPIA FRENTE AO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

Lila Louise Moreira Martins Franco³
Elisângela Schmitt Mendes Moreira¹
Fabiane Alves de Carvalho¹
Claudia Santos Oliveira²
Kelly Cristina Borges Tacon²
Kelly Dayse Segatti²
Rodrigo Franco de Oliveira²
Samara Lamounier Santana Parreira²
Viviane Soares²
Viviane Lemos da Silva Fernandes²

RESUMO

Introdução e Objetivo: Vivemos em um cenário novo, com novas perspectivas e saberes. A pandemia fez mudanças na saúde, economia e educação mundial. Este estudo tem por objetivo apresentar a visão docente do curso de fisioterapia em relação ao ensino remoto na pandemia. **Relato de experiência:** Participaram do questionário treze docentes do curso de Fisioterapia da UniEVANGÉLICA – Centro Universitário de Anápolis, pela plataforma do *Google Forms*. O formulário continha vinte e duas perguntas relacionadas a: dados sociodemográficos; carga horária de trabalho; **Resultados e Discussão:** Os docentes têm desenvolvido a organização do trabalho pedagógico com recursos tecnológicos próprios a partir de seus conhecimentos prévios e da capacitação docente institucional. Em relação aos acadêmicos os docentes percebem que estão em sua maioria comprometidos com processo de ensino-aprendizagem e se apresentam resilientes a esta realidade posta. **Conclusão:** Observou-se que os professores se adaptaram ao cenário educacional remoto frente à pandemia, e têm se esforçado para acompanhar esta realidade. Cabe destaque que o ensino remoto no curso de fisioterapia na visão dos docentes tem se mantido como possibilidade de dar continuidade ao processo formativo dos futuros profissionais, que ao seu “tempo” terão a formação em sua totalidade para exercerem futuramente com excelência sua profissão.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Aprendizagem. Docente. Ensino remoto. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um cenário novo em todos os sentidos, com novas perspectivas e saberes. A pandemia fez mudanças na saúde, economia e educação mundial. Destaca-se o cenário apresentado na atualidade com as pessoas usando máscaras, higienizando constantemente as mãos e os materiais individuais, além do distanciamento social para reduzir a velocidade de propagação da doença, estando o mundo posto em quarentena, cada um em seus domicílios.

Com este cenário que se instaurou foi necessário uma readequação do ensino e com isso as aulas foram moldadas para o formato remoto, causando o afastamento presencial de docentes e discentes (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020), ao passo que entrou em cena as plataformas virtuais de aprendizagem propiciando uma reaproximação por meio da tecnologia, dentre todos os atores que participam deste processo, seja a instituição de ensino, os técnicos-administrativos, os discentes e os docentes.

Para Sumyia (2020, p.2) “o ensino remoto é uma política para a redução de danos presentes, em que as tecnologias digitais não buscam substituir o professor e as vivências profissionais”, o que traz a reflexão de que um dos atores importantes a serem “ouvidos” neste momento é o professor, que não está sendo substituído e sim impelido a reformular suas práticas pedagógicas, o processo de ensino-aprendizagem mediatizado pelas ferramentas digitais.

¹ Mestre. Curso de Fisioterapia e Medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA.

² Doutor. Curso de Fisioterapia e Medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA.

³ Mestre. Curso de Fisioterapia, Odontologia e Medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA.

As tecnologias digitais se apresentam como um recurso para a produção do conhecimento junto aos acadêmicos, o que exige do educador saber usá-las no processo de ensino-aprendizagem (ZANATTA; BRITO, 2015).

Como recorte deste estudo a busca foi pela visão dos docentes do curso de fisioterapia em relação a este contexto de pandemia quanto aos seguintes aspectos: sexo, idade, renda familiar, carga horária semanal institucionalmente, carga horária semanal institucionalmente incluindo planejamento, tipo de internet, grau de conhecimento sobre recursos tecnológicos, mais preparo hoje para utilização dos recursos tecnológicos do que antes do isolamento social, o que contribui para o processo de aprendizagem do docente em relação a utilização dos recursos tecnológicos, possibilidade do ensino teórico das disciplinas por meio de ensino remoto em tempo de pandemia, estratégias de ensino-aprendizagem mais utilizadas, se as estratégias de ensino-aprendizagem possibilitam experiências diferenciadas, o quanto foi possível manter dos objetivos de ensino planejados, o quanto foi possível manter das referências, o quanto foi possível manter das formas de avaliação, qual a maior fragilidade em tempo de ensino remoto, se o ensino remoto impacta na formação do perfil profissional, qual a postura do discente descreve a maioria dos acadêmicos, sentimentos do professor no momento da quarentena, se estão sendo realizadas atividades diariamente para além do trabalho docente, quais as atividades estão sendo realizadas para além do trabalho docente, qual o principal desafio como docente no ensino remoto. Desse modo, este estudo tem por objetivo apresentar a visão de docentes do curso de fisioterapia em relação ao ensino remoto na pandemia.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência em que participaram treze docentes do curso de Fisioterapia da UniEVANGÉLICA – Centro Universitário de Anápolis, realizada pela plataforma do *Google Forms*. O formulário continha vinte e duas perguntas que foram categorizadas como: características sociodemográficas, jornada de trabalho, acessibilidade e domínio dos recursos tecnológicos, capacitação docente, viabilidade do ensino remoto e estratégias de ensino-aprendizagem, fragilidade em relação ao ensino remoto, formação do perfil profissional e postura dos discentes, sentimentos dos docentes, demais atividades para além da docência e o principal desafio no ensino remoto.

Dentre o foi questionado houve destaque para as características sociodemográficas em que a maioria é constituída por professoras; com idade apresentada por três grupos distintos, sendo um grupo de 30 a 34 anos (23,1%), outro de 40 a 49 anos (30,8%); e outro de 55 a 59 anos (46,2%). Quanto a renda familiar um grupo relatou mais de 8 a 10 salários mínimos (38,5%), outro grupo mais de 10 a 15 salários mínimos (23,1%) e outro grupo de 15 a 20 salários mínimos (23,1%).

Quanto a jornada de trabalho a maioria dos docentes cumpre 40 horas institucionalmente (53,8%) perfazendo um vínculo de dedicação integral ou parcial com as atividades institucionais; e incluindo o planejamento 92,3% relatou mais de 40 horas.

A acessibilidade e domínio dos recursos tecnológicos sinalizou que 100% utiliza a rede residencial e que poucos professores relataram dominar totalmente (15,4%), mas quase totalmente (30,8%), sendo que é de grande destaque a informação de que todos os docentes participantes se consideram mais preparados pós-pandemia.

Sobre a capacitação docente quando questionados a quase maioria (46,2%) relatou sobre ter contribuído para o seu processo de aprendizagem em relação a utilização dos recursos tecnológicos o ensino formal por meio das capacitações institucionais, em seguida de aprendizagem por pares (professores colegas) (38,5%).

A viabilidade do ensino remoto com as estratégias de ensino-aprendizagem a serem utilizadas é acreditada pela maioria (92,3%), que têm utilizado os aplicativos para encontros síncronos (84,6%) e fórum de aprendizagem (69,2%). De forma que a manutenção do planejamento docente foi mantida em sua maioria em relação aos objetivos de aprendizagem (69,3%), as referências (69,3%), e as formas de avaliação (77%).

A maior fragilidade em tempo de ensino remoto foi o processo avaliativo (30,8%) seguido da manutenção dos projetos interdisciplinares (23,1%) e seguido do desenvolvimento de habilidades técnicas (15,4%). Tendo este ensino impacto na formação do perfil profissional, sendo passível de recuperação no ambiente da graduação como afirmou 100% dos docentes. A maioria (53,8%) relatou que os acadêmicos são comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem, mas que apresentam dificuldades com os recursos tecnológicos.

Dentre os sentimentos assinalados destacou-se o cansaço/esgotamento (84,6%), seguido da ansiedade (61,5%) e do medo (46,2%). A maioria (92,3%) relatou que realiza outras atividades para além da docência. Destacou-se como atividades para além do trabalho docente o cuidado direto dos filhos (30,8%) e as atividades profissionais de gestão (30,8%). Sendo que o principal desafio no ensino remoto foi a conciliação do tempo dispensado em atividade docente e outras atividades (46,2%) e a superação do paradigma do ensino “ideal” para o ensino “possível” (30,8%).

DISCUSSÃO

Os achados encontrados nas respostas dos questionários remetem a questões fundamentais relacionadas a docência e a vida dos docentes; inicialmente pode-se destacar o quanto há uma indissociabilidade entre a vida pessoal e a vida profissional que se entrelaçam, o que Dias (1991 *apud* NÓVOA, 2007, p.15) afirmou como “O professor é uma pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. Então não seria diferente em tempo de pandemia em que este imbricamento se acirrou ainda mais.

Há intervalo de idade dos docentes com grupos desde trinta a cinquenta e nove anos; e essa variação sofre interferência das diferentes gerações (FAVA, 2016), ao passo que a aprendizagem entre pares (professores colegas) esteve presente e foi sinalizada como opção para capacitação docente, o que oportuniza o encontro entre as gerações durante a prática pedagógica.

Como primeira opção quanto a capacitação foi indicada pelos docentes sobre o ensino formal por meio das capacitações institucionais que se fizeram presentes e deram suporte a prática pedagógica, o que impulsiona a docência universitária ao se afirmar que “[...] Para desenvolvê-la, é fundamental iniciar pelo conhecimento da realidade institucional” (PIMENTA E ANASTASIOU, 2005, p.109).

Quanto ao processo avaliativo apontado como fragilidade cabe evidenciar a mudanças de concepção e a compreensão do que se entende por avaliação, que em relação a avaliação somativa requer instrumentos mais reflexivos conforme objetivos de aprendizagem, o que não deixa de apesar disto exigir aprimoramento dos processos quando realizado pelo ensino remoto, o que em relação a avaliação formativa avança-se pelo acompanhamento individualizado de cada acadêmico, ao longo do processo, em diferentes atividades, com diversificação do processo ensino-aprendizagem. Santos (2016, p.640) afirmou que “existem duas funções essenciais da avaliação: avaliar para ajudar a aprender e avaliar para sintetizar a aprendizagem. No primeiro caso, estamos perante um propósito formativo, no segundo, num registo somativo”, desse modo deve-se reavaliar finalidades e rever cada um dos processos seja o formativo, ou seja, o somativo.

Outra fragilidade apontada remete a manutenção dos projetos interdisciplinares, com isso buscou-se em Batista (2005, p.287) que “a interdisciplinaridade constitui, assim, um dos caminhos para que áreas científicas delimitadas e separadas encontrem-se e produzam novas possibilidades”, portanto é algo fundamental que precisa serem buscados caminhos para que se reestabeleça remotamente o planejamento conjunto e horários em comum. Além do que foi apontado em relação ao desenvolvimento de habilidades que realmente requer o formato presencial, conforme previsto na Portaria n. 544 do Ministério da Educação, de 16 de junho 2020.

Ainda ficou bem evidenciado que o maior sentimento assinalado pelos docentes foi o cansaço/ esgotamento que no cotidiano da prática pedagógica em condições habituais já pode ser gerado, quando não se prioriza horários e um processo de trabalho que preserve o professor (CARNEIRO, 2010); quiça em condições e contexto de vida durante a pandemia.

CONCLUSÃO

Observou-se que os professores se adaptaram ao cenário educacional remoto frente à pandemia, e têm se esforçado para acompanhar esta realidade. Os docentes abarcaram “gestão” da docência ao replanejarem suas atividades de ensino e ao conciliarem atividades da vida diária.

Os docentes passaram pela “máquina do tempo” com acelerador de desenvolvimento de habilidades digitais, o que pôde ser constatado ao afirmarem na totalidade dos participantes que se sentem mais preparados neste momento pós instalação da pandemia. O que teve um peso grande ao se tratar da capacitação dos docentes feito pela instituição seguido da aprendizagem entre pares.

Os docentes acreditam no ensino remoto e afirmaram em sua maioria que foi possível manter objetivos de aprendizagem, referências e formas de avaliação, em que pese as fragilidades sinalizadas do processo avaliativo da forma como se compreende avaliação; e o desenvolvimento das habilidades técnicas será feito posteriormente pós-pandemia ou no seu transcurso salvaguarda as autoridades sanitárias permitirem paulatinamente.

Cabe destaque que o ensino remoto no curso de fisioterapia na visão dos docentes tem se mantido como possibilidade de dar continuidade ao processo formativo dos futuros profissionais, que ao seu “tempo” terão a formação em sua totalidade para exercerem futuramente com excelência sua profissão.

REFERÊNCIAS

BATISTA, N. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.3, n.2, p.283-294, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v3n2/03.pdf>

CARNEIRO, R. M. **Síndrome de burnout**: um desafio para o trabalho do docente universitário. 2010. 86 f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – Departamento de Pós-Graduação *Strictu Sensu* Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Anápolis, 2010.

FAVA, R. Re-generation: a era do indivíduo digital. _____. **Educação para o século XXI**: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016. cap. 7, p.207-260.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria n. 544 de 16 de junho 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-544-2020-06-16.pdf>

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto editora, 2007.

PASINI, C.G; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L.H.C. Educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**, 2020.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L. das G. C. Educação, Identidade e Profissão Docente. In: _____. **Docência no Ensino Superior**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005, cap.2, p.93-136.

SANTOS, L. A articulação entre a avaliação somativa e a formativa, na prática pedagógica: uma impossibilidade ou um desafio? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.24, n. 92, p. 637-669, jul./set. 2016.
<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n92/1809-4465-ensaio-24-92-0637.pdf>

SUMIYA, A. Educação, saúde e fisioterapia em tempos de covid-19. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, v.7, n.13, p.1-3, 2020. Disponível em: http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/3246/pdf_1

ZANATTA, B. A.; BRITO, M. A. C. de. Mediação pedagógica com uso das tecnologias digitais na educação. **Educativa**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/download/4248/2439>